

## LUUANDA HÁ 50 ANOS: CRÍTICAS, PRÉMIOS, PROTESTOS E SILENCIAMENTO

FRANCISCO TOPA (INTR., REC. E ED.)  
[S. L.]: SOMBRA PELA CINTURA, 2014

Assinalando o cinquentenário da publicação de *Luuanda*, de José Luandino Vieira, este livro insere-se no vasto conjunto de iniciativas que em 2014 foram dinamizadas por Francisco Topa, em torno de um escritor incontornável da Lusofonia e «um dos processos mais nefandos da nossa – lusa e angolana – moderna história literária» (p. 5).

Impresso pela primeira vez em outubro de 1964, o volume de *estórias* intitulado *Luuanda* (com dois *uu*, para angolanizar o topónimo) logo foi identificado por muitos como a obra fundadora da literatura angolana (p. 32, 45) ou, segundo os mais cautelosos, o primeiro passo para a sua criação (p. 50). Isso mesmo demonstram as treze recensões que o investigador compendia na primeira parte do seu livro, a partir da imprensa da altura, e que «constituirão o essencial da receção crítica de que *Luuanda* foi objeto aquando da sua publicação» (p. 6). De um modo geral, os críticos que assinaram essas primeiras resenhas rendem-se «à qualidade [...] e à novidade de *Luuanda*» (p. 6), ressaltando a fineza da análise social, empreendida em torno de segmentos da população até aí ignorados (p. 31), e «uma possibilidade excepcional de recriação artística» da realidade dos musseques (p. 46), que colocava o livro nas estantes do Neorrealismo (p. 22). Enalteciam sobretudo ainda a criação de uma linguagem nova, inspirada por essa realidade social, com «as tropelias fonéticas, sintácticas e semânticas sofridas pelo português em contacto com os linguajares tradicionais autóctones» (p. 24), que imediatamente suscitou a comparação de Luandino a um nome maior da literatura brasileira: Guimarães Rosa (p. 24, 28, 29, 38).

Segundo os materiais agora compilados, a primeira etapa da receção de *Luuanda* mereceu

portanto o generalizado aplauso da crítica, que vinha aliás corroborar a aclamação entretanto consumada por dois galardões literários, cuja cronologia Francisco Topa reconstitui na segunda parte do livro (p. 51-66): o prémio Mota Veiga de 1963 (outorgado ao manuscrito inédito) e o Prémio de Novelística, atribuído em maio de 1965 pela Sociedade Portuguesa de Escritores.

Aparentemente, nada faria pois adivinhar a reviravolta que se sucedeu. Como documenta a terceira parte do volume (p. 67-315), a atribuição do prémio da SPE foi imediatamente seguida de uma campanha orquestrada pelo Regime, visando o autor (já então preso, por se envolver na luta pela independência) e os elementos do júri, que acabariam detidos para interrogatório, culminando os acontecimentos com a extinção da SPE, pelo Ministro Galvão Teles.

Ao longo de 250 páginas, Francisco Topa compendia assim grande parte das matérias incluídas, após a atribuição do prémio, em dois diários da metrópole que lideraram o processo (*Diário de Notícias* e *Diário da Manhã*), nos dois maiores jornais de Angola (*Diário de Luanda* e *ABC*) e num outro de Moçambique (*Notícias*). Sem pretender ser exaustivo, o levantamento apresentado é suficientemente amplo, para se perceber que «parte do material publicado é fornecido pela agência de notícias Lusitânia, o que explica, por um lado, as repetições e, por outro, a circularidade das citações» (p. 71).

Entre os materiais compilados a partir da imprensa periódica, encontram-se aqui alguns dignos de destaque: a notícia da atribuição do Prémio de Novelística, acompanhada de uma nota, encenadamente enviada de Londres,

revelando ser Luandino Vieira um condenado «por atividades subversivas» (p. 77-78); uma declaração da Fundação Gulbenkian – que patrocinava o Prémio – demarcando-se do incidente (p. 79, 125); um comunicado da SPE, esclarecendo desconhecer a identidade do autor e justificando a atribuição do prémio exclusivamente com o valor literário de *Luuanda* (p. 84-85); idênticos depoimentos, por parte do júri do Prémio Mota Veiga e da ANANGOLA – que já antes haviam distinguido a obra do escritor (p. 222, 235); ou ainda uma extensa matéria sobre o opúsculo em que Joaquim Paço d’Arcos esmiuçava razões para a sua rotura com a SPE, quando esta se encontrava debaixo de fogo (p. 264-273). Curioso será ainda cotejar, por exemplo, uma notícia que Francisco Topa transcreve a partir do *New York Times* (p. 319) e os ecos que a esse respeito foram publicados no *Diário da Manhã* (p. 183). A manipulação que o jornal português faz da notícia estrangeira, apresentando um texto condenatório como se de apoio ao governo português se tratasse, vem testemunhar, mais uma vez, o incómodo das autoridades, perante o «escândalo internacional sobre assuntos que só a nós, cá dentro, dizem respeito» (p. 206).

Quanto ao mais, o que prepondera na última parte da antologia é uma volumosa massa de textos mais ou menos inflamados, por parte dos apoiantes do Regime, que se insurgem, primeiro que tudo, contra a premiação de «um terrorista» (p. 80), e em segundo plano contestam o valor literário de *Luuanda*, considerado um «atentado contra a língua portuguesa» (p. 92), por recriar literariamente uma linguagem próxima à oralidade dos musiques (p. 122).

Talvez mais interessante do que esta recolha sistemática, a partir dos periódicos, será contudo uma segunda valência documental que o investigador do CITCEM disponibiliza, ao publicar elementos inéditos e até agora inacessíveis ao público. Assim, por exemplo, encontramos na p. 64 a ata da reunião do júri do

Grande Prémio da SPE. Já na p. 12 reproduz-se uma série de ofícios pertencentes ao arquivo da Torre do Tombo, que mostram como, apesar da campanha pública de 1965, a circulação do livro não foi interdita até 1973 (o que permite explicar a edição contrafeita, entretanto empreendida em Braga por dois agentes da PIDE, à procura de lucros fáceis). Finalmente, nas páginas 281-315 e 321-324 disponibilizam-se dois relatórios da Polícia Internacional de Defesa do Estado, um dos quais apurando responsabilidades pela atribuição do Prémio Mota Veiga, ao mesmo tempo que filia a obra de Luandino Vieira no Movimento dos Novos Intelectuais de Angola e na corrente neorrealista – insistentemente identificada com os ideais comunistas (p. 293), por promover «uma literatura angolana cultural e linguisticamente autónoma» (p. 289), que cortava com a ««vasalagem» à cultura metropolitana e europeia» (p. 285).

Ao trazer *os outros* – neste caso, o homem e a mulher de Angola – para o seio da cultura hegemónica, apresentando numa língua nova situações ou dramas universais, Luandino suscitava assim preconceitos e hostilidades ainda hoje não completamente ultrapassados (tanto por portugueses, como por angolanos), e as reações contraditórias que suscitou são precisamente o testemunho vivo da sua originalidade. Neste sentido, o trabalho de Francisco Topa, em torno das críticas, dos prémios e da rep(r)ecução política de que *Luuanda* foi objeto há meio século, dá-nos um contributo importante para compreender os meandros desta acidentada receção, que vem caracterizando uma das obras marcantes do século XX português.

Tanto pela variedade dos materiais disponibilizados, como pela análise a que estes são submetidos, *Luuanda Há 50 Anos* entra assim para a bibliografia fundamental sobre a obra luandiniiana e o contexto mais vasto do Estado Novo.